

O DOIDO DA GARRAFA

Adriana Falcão



PROJETO DE LEITURA

Elaboração:

Francine Jallageas

Coordenação:

Maria José Nóbrega



© Fábio Seixó

UM POUCO SOBRE A AUTORA

Adriana Falcão nasceu no Rio de Janeiro, mas passou boa parte de sua vida em Recife, onde se formou em arquitetura. Ela nunca exerceu a profissão, mas com certeza usa suas habilidades arquitetônicas para criar as rocambolescas estruturas de suas histórias, sempre muito divertidas e influenciadas pelo folclore nordestino. É escritora premiada de livros para crianças, jovens e adultos. Mas também encanta o público

com seu talento nos roteiros para programas de TV, cinema e teatro. Todos os livros de Adriana Falcão estão sendo publicados pela Editora Salamandra.

RESENHA

Certas boas leituras nos farão lembrar que, muitas vezes, o assunto de um livro de ficção nos pareceu ser aquilo que o livro é, estritamente – como se fosse possível encerrar um livro em uma palavra que o defina. No entanto, pensando bem, um grande livro de ficção sempre guarda algo que subsiste, apesar dos temas tratados, e que o perpassa como um todo.

Seria como um traço transversal de uma natureza diferente das palavras agrupadas nas páginas; ou um rastro, quase imperceptível, como as pegadas deixadas pelo escritor, as digitais de seu corpo único; ou suas idiossincrasias, produzidas no confronto com os fatos narrados – que poderiam ter acontecido a qualquer um e que, no entanto, aconteceram a ele, quer seja na dimensão do real ou do vivido, quer seja na dimensão do ficcional ou do relatado, quer seja em ambos – quem saberá distinguir um do outro?

Assim ocorre em *O Doido da Garrafa*, coletânea de 27 crônicas de Adriana Falcão.

O livro nutre-se do dia a dia acelerado, das atividades rotineiras e das percepções fugazes do cotidiano; toma a coloquialidade da linguagem, sempre próxima das múltiplas oralidades do português falado nos diversos estados do Brasil; não cessa de lembrar ao leitor, crônica a crônica, que narrar, descrever, argumentar, ficcionalizar é, antes de tudo, e sobretudo: pensar.

Talvez não exista, de fato, gênero na literatura que se comporte melhor do que a crônica quando aquilo que está primordialmente em jogo na fabricação do texto é a conjugação delicada de manifestações brutalmente antagônicas: de um lado, a frivolidade, a efemeridade e a familiaridade que caracterizam os pequenos acontecimentos da vida cotidiana flagrados em seu aqui e agora mais imediato, e, de outro, as manifestações do pensamento em atividade sensível, analítica, crítica e reflexiva. A crônica, tal como um palco acolhedor, recebe, como nenhum outro registro literário o faz, os dramas do pensamento perscrutador detido sobre a matéria efêmera da qual se fazem as cenas da vida de todos os dias.

Plenamente consciente desse expediente, a cronista por trás d'*O Doido da Garrafa* e das demais crônicas que compõem esta coletânea, como que mordida pelo próprio pensamento – como se o pensamento fosse um parasita, um vírus, uma contaminação, uma praga que uma vez instalada no corpo não para de produzir atividade, isto é, de fazer pensar –, captura em tudo o que está à volta qualquer coisa, o pretexto necessário para, incessantemente, (re)começar a pensar.

Bom pretexto para o pensamento manter-se em atividade é, inclusive, o próprio pensamento, com seus modos misteriosos de funcionamento, suas obsessões, seus saltos para os terrenos insondáveis da lembrança e da imaginação e seus perigosos limites – concentrados naquele espacinho bem pequeno, linha

muito tênue, em que aquilo que chamamos e conhecemos como pensamento corre o risco de perder-se até mesmo de seu nome, passando a ser chamado e conhecido como loucura.

Durante a leitura dessa seleta de crônicas, qualquer pessoa ficará indecisa se ficou mais comovida com as doídices do Doido da Garrafa, personagem que *não era mais doido que as pessoas do mundo* e que se tornou ele mesmo no dia em que *se apaixonou por uma garrafa de plástico de se carregar na bicicleta e passou a andar sempre com ela pendurada na cintura*, ou se foi mesmo arrebatada pela história da instalação da loucura, depois de uma perda amorosa, no corpo do personagem Ramsés Terceiro.

QUADRO-SÍNTESE

Gênero: crônica.

Palavras-chave: cotidiano, pensamento, loucura, humor, amor.

Áreas envolvidas: Língua Portuguesa.

Tema transversal: ética, pluralidade cultural.

Público-alvo: leitor crítico.

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

Antes da leitura

1. Atualmente, a crônica está presente não apenas em livros, jornais e revistas impressos, mas também em grandes portais de notícia, cultura e entretenimento *online*. Pergunte aos alunos quais são suas leituras habituais na internet. É bastante possível que alguns deles sejam leitores de crônicas online e estejam mais familiarizados com o gênero do que julgam.
2. Apresente algumas das principais características da crônica, gênero literário ao qual pertence o livro de Adriana Falcão, por meio de uma conversa descontraída com os alunos. Após o bate-papo, organize-os em trios e incentive-os a falar, uns aos outros, sobre fatos cotidianos e pequenos acontecimentos ocorridos recentemente. Sugira que os subtítulos presentes no sumário do livro funcionem como motes: da vida, do coração, do tempo, da cabeça, da ternura, do cotidiano. A seguir, promova um debate com toda a turma e, dando menor ênfase à escolha temática de cada aluno, chame atenção para a

maneira com que cada um enfocou, narrou, descreveu, comentou e articulou o seu assunto. Nessa atividade, será interessante notar que, ao falar e contar a sua história, alguns terão sido irônicos; outros terão se servido do humor; alguns terão dado importância a algo que passaria despercebido de todos; outros serão mais reflexivos; alguns mais líricos; outros mais críticos, e assim por diante. Os colegas que, em regime de revezamento, ficaram ouvindo os outros, ficarão encarregados de comentar os textos produzidos pelos colegas. Incentive-os a falar.

3. *O Doido da Garrafa*, título do livro de Adriana Falcão, é também o título de uma das crônicas presentes na coletânea. Tendo isso em vista, realize uma conversa rápida com os alunos sobre as imagens e referências suscitadas pelo título. Escreva as palavras-chave surgidas nessa conversa no quadro e, a seguir, proponha aos alunos a redação de uma crônica cuja motivação seja também o título *O Doido da Garrafa*. Essa atividade cumprirá plenamente os seus objetivos somente mais tarde, quando todos tiverem finalizado a leitura do livro. Os alunos poderão comparar a crônica *O Doido da Garrafa* de Adriana Falcão com aquela que escreveram e sobre a qual conversaram antes de iniciarem a leitura.

Durante a leitura

1. Leia o sumário do livro junto dos alunos observando que cada um dos 5 subtítulos indica um eixo temático. Aponte curiosidades presentes no sumário, tais como a que se encontra na relação entre a seção do livro cujo título é de amor e a palavra Inverno, que intitula uma das crônicas aí agrupadas – será que o amor esfriou? Estimule a imaginação dos alunos. Observe ainda, que a simples observação dos títulos das crônicas agrupados sob o subtítulo de amor evoca e sugere as múltiplas facetas e tipos desse intrigante e grandioso sentimento: amor de mãe, sugerido no título *Um dia de mãe*; amor de pai, sugerido no título *Um dia de pai*; o amor em uma relação conjugal, sugerido no título *Um casal perfeito*.
2. Escreva os títulos das crônicas em papéis, dobre-os e sorteie um deles para eleger uma crônica a ser lida em voz alta junto com a turma. Após a leitura, promova um bate-papo a respeito do tema da crônica eleita e os recursos estilísticos empregados pela cronista.

3. Faça, junto dos alunos, um calendário de leitura e discussão de cada um dos 5 eixos temáticos que subdividem o livro.

Depois da leitura

1. Leia em sala de aula a crônica *A carta* e converse, a seguir, com os alunos sobre as características atribuídas ao Rio de Janeiro, cidade descrita na crônica, e sobre a linguagem coloquial empregada, que reproduz com bastante verossimilhança o modo oral do português utilizado em certas regiões do nordeste brasileiro. Proponha aos alunos que escrevam uma carta que descreva uma cidade que conheçam bem, atentando para o emprego da linguagem coloquial. Posteriormente, os alunos podem trocar as cartas entre si e ler seus conteúdos em voz alta, uns aos outros.
2. Criador e criatura, autor e personagem – os protagonistas da crônica *Quando o telefone toca* habitam dois mundos antagônicos: um vive no real (o autor), o outro vive na ficção (o personagem inventado pelo autor). Da autonomia impossível em relação ao mundo real, atribuída ao mundo da ficção, surge a originalidade dessa crônica, que tematiza a própria invenção de um texto ficcional. Proponha aos alunos que, em pares, inventem uma história curta inspirada na crônica *Quando o telefone toca* e depois a encenem uns com os outros.
3. A prosopopeia é uma figura de linguagem que ocorre quando há atribuição de qualidades, ações ou sentimentos humanos a seres inanimados ou irracionais. Peça aos alunos que façam uma análise comparativa das crônicas *Mania de perseguição* e *Requerimento*, observando em ambas o emprego da figura de linguagem e seu efeito expressivo e de sentido – leveza, humor, atenuação, descontração, agravamento – sobre o tema abordado.
4. Tendo em vista os personagens Ramsés Terceiro e o Doido da Garrafa, personagens-título de duas crônicas agrupadas na seção *de doidos e afins*, inaugure

uma conversa com os alunos sobre os limites da dita normalidade e os parâmetros aplicados ao que entendemos vulgarmente por loucura. Observando o conjunto das 5 crônicas agrupadas nessa mesma seção, proponha aos alunos que pensem nas justificativas e critérios possíveis que determinaram as associações de cada crônica com o tema sugerido no subtítulo.

5. Leia em sala de aula o poema *A elegia da lembrança impossível*, de Jorge Luis Borges (1899-1986), citado na crônica *Que não daria eu por essa ideia?* (facilmente localizável na internet). Proponha aos alunos que escrevam uma crônica inspirada em um poema de que gostem.
6. Peça aos alunos que pesquisem na internet ou nas bibliotecas públicas livros do cronista Paulo Mendes Campos e que leiam algumas das crônicas desse autor, dentre elas, a crônica *O homem liberto*, citada em *O homem que só tinha certezas*. A seguir, em sala de aula, conduza uma conversa com os alunos cujo tema seja a comparação das características das crônicas lidas de Paulo Mendes Campos e as características das crônicas de Adriana Falcão em *O Doido da Garrafa*.

DICAS DE LEITURA

da mesma autora:

Procura-se um amor. São Paulo: Salamandra.

A máquina. São Paulo: Salamandra.

Queria ver você feliz. Rio de Janeiro: Intrínseca.

do mesmo gênero ou assunto:

A descoberta do mundo, de Clarice Lispector. Rio de Janeiro: Rocco.

Crônicas para jovens, de Cecília Meireles. São Paulo: Global.

Cascos e carícias e outras crônicas, de Hilda Hilst. São Paulo: Globo.

Nu, de botas, de Antonio Prata. São Paulo: Companhia das Letras.